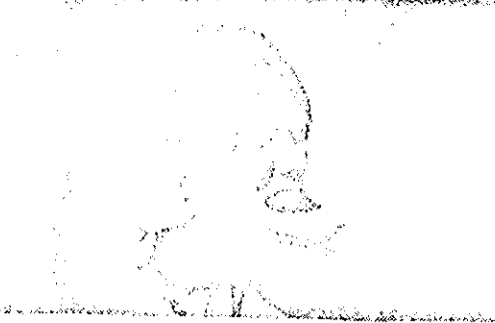


J. J. J.

AB  
ANO MÊS DIA  
19/06/05  
C.A.D. PAG.  
8108

A PACIFICAÇÃO  
DOS  
BEIÇOS-DE-PAU (III)

DE TARCÍSIO BALTAR E RUBENS  
BARBOSA (ENVIADOS ESPECIAIS DO JB)



"Ninguém tem o direito de obrigar qualquer pessoa humana a seguir um caminho que não o escolhido por ela mesma." Assim o indiano Fritz define posição em relação à pacificação dos indígenas, sobretudo dos beijos-de-pau, naturalmente desconfiados. A constatação de que os homens brancos estão aumentando e aparecendo com muita frequência em suas aldeias cria resistências à sua presença. A expedição deixou os beijos-de-pau sem fazer nenhuma conquista. Mas tudo não passou de um primeiro e rápido contato.

JO - 05.06.69

# A BOA VIZINHANÇA DE UM RÁPIDO CONTATO

O acampamento da expedição pacificadora dos beijos-de-pau acordava, diariamente, às 4h30m. E nesta hora que os índios costumam atacar. E havia o temor generalizado de uma agressão por parte dos selvagens. Cêsofeito sempre pelos novos contatos matinais entre os civilizados e os membros da tribo.

O desconhecimento quase total dos hábitos e reações dos beijos-de-pau era a causa de receio. Os índios, por certo, também ficavam de sobreaviso. Mas as ordens da Funai eram claras: em caso de ataque não atirem para matar — usem fogos de estouro para atemorizar os agressores, pois a morte de um selvagem destruirá todas as finalidades da expedição.

### A madrugada do medo

No domingo 25 de maio, um grupo de gaúchos fundadores do Município de Pôrto dos Gaúchos, que fica a 260 quilômetros, pelo rio Arinos, do acampamento, resolveu visitar a expedição. E numa grande lanchar, trouxeram um boi que seria logo sacrificado e transformado em churrasco. A morte do animal, cuja espécie não é conhecida dos índios, os chocou profundamente. Os mugidos do boi, depois de esfaqueado, fizeram muitos voltar para as matas. A reação súbita, feita em tom de desagrado, serviu de alerta para os

civilizados, que passaram a esperar um ataque pela madrugada da segunda-feira.

Naquela noite ninguém conseguiu dormir no acampamento. Qualquer ruído vindo da floresta punha os membros da expedição em sobresalto. Era a primeira vez que os índios demonstravam claramente sua repulsa por uma ação dos homens brancos. De manhã, veio o alívio: estava tudo em paz, os selvagens — embora não tão comunicativos — estavam ali, em suas cabanas vizinhas ao acampamento, com suas mulheres e filhos, sinal de que não queriam briga.

### A tentativa frustrada

João Américo Peret, o chefe da expedição, já se julgava muito amigo dos índios. Resolveu, por isso, demonstrar-lhes que pretendia visitar uma das 11 aldeias. Os índios aceitaram sair com ele para o mato. Com o sertanista partiram Mañarishi e Moreira, os dois beijos-de-pau mais velhos de quantos haviam ido ao acampamento, suas mulheres e filhos. Logo no início da caminhada solicitaram do homem branco que lhes passasse a espingarda. Não confiavam em nenhum civilizado. E terminaram por não levá-lo a nenhuma aldeia. O máximo que fizeram foi o conduzir até uma cabana de caça a cinco quilômetros do

acampamento. Depois, solicitaram que voltasse. Em seguida o acompanharam até onde estavam os outros membros da expedição, para ter a certeza do regresso.

Só assim, após todas essas providências, Mañarishi, Moreira, suas mulheres e filhos abandonaram o acampamento, avisando que voltariam dentro de alguns dias. Acusita Peret que os dois índios mais velhos foram com ele aos outros índios, como iam os contatos com os civilizados. Pensou o sertanista que eles não tinham poderes, dentro da hierarquia da tribo, para encaminhá-lo até qualquer uma das malocas. Eram apenas observadores e os chefes de todos os demais que estavam em entendimentos com os civilizados. O certo é que ninguém sabe quando os índios permitirão a ida de brancos aos aldeamentos. Talvez nunca, se continuarem a desconfiar das intenções daqueles estranhos que invadiram suas terras, que andam vestidos e têm uma arma que faz muito barulho e os atemoriza.

### A boa vizinhança

Nisso tudo, uma coisa é perfeitamente constatável: os índios estão procurando saber se é possível a convivência com os brancos. Por isso é que aparecem no acampamento, muitos dormem lá. São uma mis-

são observadora que tem também muito de diplomática. Do contrário, eles não seriam tão afáveis, mesmo dando a entender, claramente, que não confiam muito em seus novos amigos. Se fazem questão de demonstrar simpatia é para que o contato prossiga, a fim de que possam observar ainda mais e tirar as suas conclusões. No fundo, os beijos-de-pau lutam pela implantação de uma política de boa vizinhança, baseada na verificação de que o número de homens brancos está crescendo cada vez mais naquela região. Os índios sentem que vale mais a pena, pelo menos por enquanto, tentar a paz que desencadear a guerra.

Mas poderão fazer outra opção, igual à dos atroaris, que, depois de inúmeros contatos com os brancos e de serem considerados já pacíficos, voltaram à vida no meio da selva, bem longe dos civilizados, contra quem declararam estado permanente de guerra. Tudo muito justo e racional, pois segundo o sertanista Américo Peret, os membros daquela tribo vinham sendo explorados e escravizados pelos estranhos que foram invadindo sua área de caça e pesca. Daí a decisão radical.

### Um alemão na floresta

Dos membros da expedição da Funai, Fritz Tolksdorf, alemão de 53 anos, é o que entende mais de índios. Ele veio para o Brasil em 1935, por discordar profundamente do regime hitlerista. De espírito aventureiro, tentou participar de uma expedição organizada por um suíço que desejava conhecer índios. Foi recusado e resolveu então fazer a mesma coisa, mas sozinho. Daí os dois primeiros anos nas selvas de Mato Grosso, andando sempre por toda a parte onde houvesse selvagens. E "por eles ficou apaixonado."

No período da II Guerra Mundial estava trabalhando no Rio como eletricitário. Ficou preso durante quatro meses e quando tudo se acabou, voltou para o meio dos índios. Conhece muito bem os carabalis e canoetiros, estes com seu território vizinho aos beijos-de-pau. Ajudou na pacificação de ambas as tribos. Por isso é que foi contratado pela Funai para participar dos primeiros contatos com os beijos-de-pau, ele que já havia, por duas vezes, estado rapidamente com os índios desta tribo, em encontros mal sucedidos.

Fritz é alto, tem quase 1,90m e seus olhos verdes espelham grande bondade. Não gosta de falar sobre si próprio, embora converse muito — com sua voz de forte sotaque germânico — sobre os índios, "a minha família". E tem até uma tese relativa à pacificação: acha que os índios devem ser considerados como tais, respeitados em sua cultura e aceitos como pessoas humanas que são, "com direito a optarem, escolherem seus caminhos." Discorda, por esta razão, do sertanista João Américo Peret, chefe da expedição, que vem tentando conquistar rapidamente o índio, sem respeitar muito seus costumes, mas impondo os costumes dos civilizados. Teme, assim, que os beijos-de-pau se tornem aculturados e entrem em fase de extinção.

Muito realista, Fritz acredita que a melhor solução para o problema dos beijos-de-pau e das outras tribos que têm suas terras desejadas pelo homem branco é a de levá-las todas para uma grande área não cobigada, nos confins da Amazônia. Ali os seus membros poderiam viver em paz, sem sofrer qualquer pressão dos brancos, muito interessados em sua destruição para obter suas extensas regiões de caça e pesca. Poderiam, também, manter sua cultura, para qual assimilariam — numa autêntica evolução cultural — a tecnologia dos brancos, nos setores e ao nível que lhes interessassem.

### Os donos da casa

Para Fritz, de alma tão pura quanto os índios, "ninguém tem o direito de obrigar qualquer pessoa humana a seguir um caminho que não o escolhido por ela mesma." Ele não gosta nem de pensar que os afáveis e alegres beijos-de-pau possam vir a sofrer o que sofreram e sofrem as outras tribos pacificadas. Ninguém da expedição pode imaginar Beição, o índio mais trabalhador e disposto, de côcoras num canto, sem fazer nada, como um bororo qualquer, ele que vende vitalidade. Por isso Fritz está ali, tentando evitar que coisas como estas aconteçam, motivadas pelo acúmulo e pelas doenças levadas pelo branco.

Fritz e os jornalistas que acompanharam os contatos iniciais respeitaram os índios como os legítimos donos da casa. Brincaram juntos, de igual para igual, jogaram futebol, com os jovens da tribo chutando para todo o lado, sem perceberem que os dois tambores colocados em cada extremidade do campo improvisado eram os gols. Nadaram e pescaram com eles. Mas de tudo que foi feito, os índios gostaram mais da brincadeira Escravos de Jé, em que, no ritmo da música, os componentes do jogo vão passando caixas de ídolos de mão em mão, isto sobre uma mesa. Este divertimento era repetido todos os começos de noite, após o jantar, pelos jornalistas, a pedidos dos próprios índios, que prestavam especial atenção à parte da música que diz "guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá..." E passaram a chamar a brincadeira de zig-zig-zá, pedindo sempre "agum zig-zig-zá", que significa outra vez zig-zig-zá.

O jogo marcou tanto os índios que no dia em que os jornalistas iniciaram seu regresso ao Rio, na hora da despedida, a Boa Mãe, índia casada e muito responsável, olhou para um dos repórteres e, abrindo os braços desconsolada, disse "zig-zig-zá". Sua expressão de tristeza era clara e seu gesto, aliado à palavra que pronunciara, recebeu a seguinte interpretação: "zig-zig-zá, nunca mais." Logo depois, na lancha, um rádio de pilha falava no sucesso da missão da Apelo-10.